

MEMÓRIAS DE UMA FORMA DE MORAR DA ELITE: A CHÁCARA DA BARONESA, PELOTAS, RS, BR. (1863-1985)

ANNELISE COSTA MONTONE¹;
ESTER JUDITE BENDJOUYA GUTIERREZ²

¹Universidade Federal de Pelotas – annelisemontone@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – esterjbgutierrez@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho, intitulado **Memórias de uma forma de morar da elite: a Chácara da Baronesa, Pelotas, RS, Br. (1863-1985)**, apresenta o andamento da pesquisa desenvolvida para o doutorado do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa Patrimônio e Cidade, sob orientação da Professora Dr^a. Ester Judite Bendjouya Gutierrez e coorientação do Professor Dr. Diego Lemos Ribeiro.

O estudo concentra-se na antiga Chácara da Baronesa, ou Parque Annibal (no século XIX), hoje transformada no Museu Municipal Parque da Baronesa, localizada no bairro Areal, em Pelotas, RS. Trata dos diferentes períodos históricos do lugar, em três momentos: de 1863 a 1887, com a formação e pleno funcionamento da chácara; de 1887 a 1966, quando a propriedade se modernizou e seu uso se modificou ao longo do tempo; e de 1966 a 1985, com a transição de espaço privado a público, cujos marcos foram, 1978, data em que parte da chácara passou ao município, e 1985, ano de seu tombamento como patrimônio histórico da cidade de Pelotas. A fase final encerra o processo de declínio da propriedade, seu “quase desaparecimento”, e a transição para um novo ciclo, o “renascimento” como patrimônio. A mudança de função, de “lugar de morar” a “lugar de memória”, foi determinada por políticas de patrimônio e memória que lhe concederam a configuração atual.

O local foi idealizado por seus proprietários, o pecuarista pelotense Annibal Antunes Maciel Júnior (1838-1887) e sua esposa Amélia Hartley Antunes Maciel (1848-1919), os Barões de Três Serros, na segunda metade do século XIX. A arquitetura da chácara, incluindo a residência e jardins, preservou as manifestações românticas e clássicas características desse período. A partir de 1890, a chácara também acolheu a família da filha mais velha do casal, Amélia Annibal Hartley Maciel (1869-1966), conhecida como Dona Sinhá, que se casou com Lourival Antunes Maciel (1857-1948), seu primo.

Para construir a história da vida desse objeto, representado pela chácara, sua materialidade e relações sociais, foram levantadas as seguintes questões: como se estabeleceu este tipo de habitação nas cidades brasileiras do século XIX? Em que contexto se consolidou a propriedade? Como se deu sua manutenção e transformação ao longo do tempo? Que significados e memórias a chácara carregou nas diferentes fases de sua vida, enquanto casa senhorial?

Após seu declínio, prestes a desaparecer, o lugar renasceu com uma nova função, a de museu. De propriedade privada a espaço público, de chácara a museu, de uma ruína a patrimônio, como ocorreu essa mudança de categoria? Que políticas de memória e patrimônio atuaram no processo de preservar esses restos? Como identificar as intencionalidades das políticas de memória e

patrimônio que determinaram a preservação e a ausência das materialidades e imaterialidades hoje representadas pelo Museu da Baronesa?

Esses questionamentos são reflexões para entender e construir a biografia da chácara, segundo o conceito de biografia cultural dos objetos, proposto pelo antropólogo Igor Kopytoff (2008).

Uma hipótese é que sua interpretação como objeto da cultura material, por intermédio da abordagem biográfica, oferece sentido à construção de uma relação entre o tangível e o intangível de suas memórias, suas relações sociais e seu papel como patrimônio.

A pesquisa possui como objetivo geral compreender as memórias reveladas, ou silenciadas, pela Chácara da Baronesa, por meio do estudo das materialidades que alcançaram nosso tempo, desvendadas por diferentes documentos, tendo como método de análise a noção de biografia cultural dos objetos.

Para tanto, buscaram-se os seguintes objetivos específicos: descrever o contexto histórico, social e cultural, em que se insere a Chácara da Baronesa, como forma de morar e como museu; identificar nos documentos pesquisados as marcas dos diferentes ciclos de vida da chácara, relacionadas às materialidades e sociabilidades do lugar; desenvolver um método de análise; e interpretar o lugar estudado em seu momento de transição, de espaço privado a espaço público.

Os manuscritos, fotografias, inventários *post mortem*, filme cinematográfico, testemunhos verbais, foram questionados e relacionados entre si com a intenção de preencher lacunas e estruturar a biografia do lugar. A própria chácara, aqui tomada como objeto evocador de memórias, deixou traços, restos da arquitetura, dos jardins, dos móveis, dos utensílios que remetem à trajetória de sua vida social. Essa mesma arquitetura demonstra o que foi relegado ao esquecimento e à subtração, porque, talvez, não fosse digno de permanência.

O embasamento teórico associa noções das áreas da arquitetura, da memória, da cultura material, do patrimônio e dos museus, encontradas nas reflexões de historiadores, antropólogos, arquitetos e urbanistas, museólogos, sociólogos e arqueólogos. A reunião de diferentes olhares se traduz num melhor entendimento dos campos que se apresentam como foco deste trabalho: da memória e do patrimônio.

A habitação funcionou como “sociotransmissor”, na expressão de Joël Candau (2002), e sua memória se fixou por meio dos “marcos sociais”, segundo escreveu Maurice Halbwachs (2004). A memória individual e coletiva atravessou o espaço simbólico representado pela antiga residência e foi transmitida pelo grupo familiar e por pessoas de suas relações sociais, pelos que ali trabalharam e que por ela circularam e pelos vestígios materiais que restaram no presente.

A residência não foi somente um palco para os atos sociais ali praticados, mas também um agente desta encenação. A ideia de que os objetos possuem vida social é um conceito descrito pelo antropólogo indiano Arjun Appadurai (2008), na década de 1980. Nesta obra, Igor Kopytoff apresentou o conceito de “biografia cultural das coisas”, referenciado anteriormente.

Como objeto de uma biografia, a antiga chácara pode ser interpretada de diferentes formas. Laurier Turgeon (2007), professor de etnologia e história, identificou quatro tipos de abordagens utilizadas na pesquisa dos objetos no campo da cultura material: enquanto testemunhos do passado humano, como símbolos, como sujeitos de seu contexto social e portadores de memória e, ainda, sob o viés da relação entre o objeto, a memória e o esquecimento.

O período de transição para uma nova função, de “objeto utilitário” para “objeto patrimonial” traz reflexões que estabelecem apoio interdisciplinar em autores que focam na fase de troca de significado. A maioria pensa os artefatos

musealizados com dimensões e mobilidade bem diversa de um imóvel sesquicentenário, mas se percebe que o sentido dado é semelhante. Essa concepção é reforçada pelo fato de que seu status de patrimônio histórico, veio por intermédio da musealização, tanto do conteúdo que o prédio passou a abrigar quanto do que ele mesmo representa como patrimônio arquitetônico.

2. METODOLOGIA

As diferentes fontes foram examinadas para compreensão do objeto na sua fase como Chácara da Baronesa e no período de transição e transformação em museu. Procurou-se relacionar o contexto social existente, às materialidades que sobreviveram ao tempo e àquelas que a ele sucumbiram. Também há elementos ausentes, que, possivelmente, não se adequaram às políticas de memória e patrimônio estabelecidas nesse processo de metamorfose.

A metodologia de interpretação da pesquisa aproxima-se do conceito proposto pelo antropólogo Igor Kopytoff (2008, p.94), que, no campo da cultura material, analisa o objeto como mercadoria e sugere seu estudo por meio da “biografia cultural das coisas”. O autor aponta que os objetos podem ser questionados da mesma forma que se faz perguntas às pessoas, tendo em vista uma percepção do objetivo a ser atingido. Esta noção implica em como e de que perspectiva o assunto, ou objeto, é tratado, para que a biografia seja “culturalmente informada”.

Também foram estudados textos de autoras que investigam objetos diversos por intermédio de metodologias embasadas nas leituras da cultura material, entre elas a abordagem de Igor Kopytoff. A intenção foi demonstrar que o procedimento é capaz de auxiliar na construção de “trajetórias de vida”, tanto de objetos móveis quanto imóveis, e o que a mudança de ciclo pode acarretar.

A historiadora Janaína Lacerda Furtado (2009) trabalhou com peças relacionadas à química, para contar a história desta prática no Brasil, no século XIX e, também, descobrir porque fazia parte do acervo de um museu de astronomia, por meio de perguntas dirigidas a esses artefatos. Maria Lúcia Matheus Loureiro (2015), museóloga, propôs leituras de quatro objetos de ciência e tecnologia, do século XIX, preservados em museus, com enfoque no conceito de documento e suporte nos estudos da cultura material. Em sua tese **Da fábrica para o museu: identificação, patrimonialização e difusão da cultura técnico-industrial**, a historiadora portuguesa Maria da Luz Sampaio (2015) analisou um motor elétrico, objeto técnico-industrial, em seu contexto funcional e como peça de museu, com apoio no conceito de biografia cultural do objeto.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Chácara da Baronesa é um objeto com algumas características que o retiram, por exemplo, da lista de itens comumente colecionáveis; é uma estrutura que pode ser habitada ou utilizada para outros fins que não sejam de moradia; complexa em seus materiais, história, ambiente e significado.

Este “artefato”, se questionado, é rico em respostas que podem desvendar os ciclos de sua biografia. Associar diferentes modelos pelo estudo em cultura material e explorar as fontes documentais disponíveis, para uma leitura da chácara, mostra-se um caminho para interpretá-la na trajetória que percorreu entre lugar de morar e lugar de memória.

Abordar a biografia da chácara trouxe à tona o (re)conhecimento de um sistema de relações sociais existente no lugar e que este sistema a tornava

realmente uma residência em seus diferentes ciclos. Ao mesmo tempo, inserida e conectada ao meio urbano, à cidade e aos seus desdobramentos.

4. CONCLUSÕES

Ao trabalhar com a noção de “biografia cultural dos objetos”, Igor Kopytoff (2008) indica que se façam perguntas às coisas, como se fossem dirigidas às pessoas. Esses questionamentos devem revelar as memórias dos diferentes ciclos e estágios de vida das coisas, que, no caso da habitação, tendem a se dividir em construção, uso/manutenção, herança/mercadoria (patrimônio familiar e forma de distribuição) e início de um novo ciclo de uso, que será como moradia ou em nova função, no caso desta pesquisa, como museu.

Entre os próximos passos está o estudo mais amplo do contexto social e patrimonial nos diferentes momentos do ciclo de vida da antiga chácara, mas principalmente no ciclo de transição; a revisão e encadeamento das perguntas propostas para a montagem da biografia; e sua interpretação como um espaço privado transfigurado em espaço público, com ênfase nas memórias silenciadas e no processo de patrimonialização.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008.

CANDAU, Joël. **Antropologia de la memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

FURTADO, Janaína Lacerda. Objetos, coleções e biografia: a história do laboratório de química do Imperial Observatório do Rio de Janeiro. In: GRANATO, Marcus; RANGEL, Marcio. **Cultura Material e Patrimônio de Ciência e Tecnologia**. Rio de Janeiro: MAST, 2009, p. 154-174.

HALBWACHS, Maurice. **Los marcos sociales de la memoria**. Barcelona: Anthropos, 2004.

KOPYTOFF, Igor. A biografia cultural das coisas: a mercantilização como processo. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, 2008, p. 89-121.

LOUREIRO, Maria Lucia de Niemeyer Matheus. Musealização e cultura material da Ciência & Tecnologia. **Museologia e Patrimônio**, v.8, n.2, p. 09-28, 2015.

SAMPAIO, Maria da Luz Braga. **Da fábrica para o museu: identificação, patrimonialização e difusão da cultura técnico-industrial**. 2015. Tese (Doutorado em História e Filosofia da Ciência) - Instituto de Investigação e Formação Avançada. Universidade de Évora, Évora, 2015. Disponível em: <<https://dspace.uevora.pt/rdpc/browse?type=author&order=ASC&rpp=20&value=Sampaio%2C+Maria+da+Luz+Braga>>. Acesso em: 30 mai.2017.

TURGEON, Laurier. La mémoire de la culture matérielle et la culture matérielle de la mémoire. In: DEBARY, Octave; TURGEON, Laurier. **Objets & mémoires**. Québec: Université Laval, 2007, p. 13-36.